

Imagen do Brasil é ruim, diz cônsul

O mercado internacional não vê mais o Brasil com os mesmos olhos otimistas de alguns anos atrás. A imagem que o País construiu e manteve durante muito tempo, de ser o lugar "mais fantástico do mundo" para se investir, já acabou. A opinião é do cônsul-geral dos Estados Unidos, em São Paulo, Stephen F. Dachi, para quem "vai custar muito para o Brasil recuperar essa imagem". A seu ver, a dívida externa e a moratória foram os principais fatores que contribuíram para a reversão da credibilidade no potencial brasileiro, além do excesso de protecionismo.

Considerando o protecionismo como uma "arma" que se pode voltar contra o próprio país, destruín-

do-o economicamente, o cônsul garantiu que os EUA livraram-se desse "mal" e sua economia "continuará sendo a mais liberal do mundo". Afirmou que as portas do mercado norte-americano estão abertas tanto para o Brasil como ao resto do mundo, mas ponderou que uma relação de comércio bilateral exige reciprocidade. "Só pedimos em troca que nossos produtos tenham acesso justo do outro lado, sem impedimento de barreiras, e haja respeito à propriedade industrial."

Ele não acredita que o governo norte-americano mantenha a tese de retaliar os produtos brasileiros por causa da reserva de mercado na área de informática. Apesar de o assunto ainda estar na dependência da regulamentação da Lei de Soft-

ware, Dachi mostrou-se otimista: "O governo brasileiro está agindo de muita boa fé e a probabilidade de retaliações parece estar definitivamente afastada".

O cônsul norte-americano falou ontem a empresários sobre o comércio Brasil-Estados Unidos no seminário "Negócios e Investimentos nos EUA — Aspectos Legais e Comerciais", promovido pela Impacto de Comunicação e Noronha Advogados. Além da reserva de mercado, queixou-se da falta de respeito à propriedade intelectual que, segundo ele, tem causado grandes prejuízos aos EUA. Citou uma recente pesquisa da International Trade Commission — uma espécie de ministério de comércio exterior dos

Estados Unidos — que mostra perdas para as empresas do país de US\$ 43 bilhões em 87, entre produtos que deixaram de ser exportados e pirataria. O Brasil, de acordo com o estudo, está em quarto lugar na lista dos que mais contribuíram para esse déficit, com US\$ 426 milhões.

Com outros números, o cônsul questionou a tese de que os EUA estão perdendo em competitividade para o Japão e Europa. "O Japão nunca chegará a ser a maior economia do mundo", disse, acrescentando que a economia norte-americana, há 18 anos, "responde por 40% do PIB de todo o mundo e o déficit comercial do país é de 3,4% do PIB, o mesmo que o dos japoneses".